

ARTE VERSUS ALIENAÇÃO

Giovana DORPMULLER DEMARCHI – Faculdade Assis Gurgacz¹

Isabela COSTA RIZO DIAS – Faculdade Assis Gurgacz²

José TORRENTES – Faculdade Assis Gurgacz³

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar, através de estudos bibliográficos, a relação da arte originalmente pura com o tempo e sua eficácia no combate a alienação de mentes através de sua instrução em instituições de ensino. A arte em sua forma legítima de produção, a qual retratava os acontecimentos e objetos de forma crítica e sentimental, além de ser uma forma de expressão máxima do ser humano, foi perdida com o advento da indústria cultural e passou a atender as necessidades de uma população em massa. Os indivíduos acabaram por suavizar os seus questionamentos críticos diante de fatos e acontecimentos, que geralmente são expostos pelos meios de comunicação, sejam eles visuais ou auditivos, e passaram a se permitir serem doutrinados pelas ideias que lhes eram impostas. Portanto, fica evidente a grande relevância da arte em relação a desestruturação de paradigmas impostos por uma associação de entidades que busca alienar os pensamentos de modo que não nos refutemos sobre o que é moral ou não.

PALAVRA-CHAVE: arte; alienação; combate; educação.

INTRODUÇÃO

¹ Aluna do curso de graduação em Fotografia, Centro Universitário Faculdade Assis Gurgacz. 1º período. E-mail: giovanaademarchi14@gmail.com.

² Aluna do curso de graduação em Fotografia, Centro Universitário Faculdade Assis Gurgacz. 1º período. E-mail: isabelarizojones@gmail.com.

³ Professor Mestre do Centro Universitário FAG E-mail: jtorrentes@gmail.com.

A escolha do tema partiu da necessidade de compreender a arte como meio de combate a indivíduos robotizados pelo sistema, uma vez que constantemente somos bombardeados com ideais que compõem diversos tipos específicos de comportamentos e não paramos para analisar as ações ou atitudes que tomamos em nosso dia a dia condizem com nossos ideais.

Segundo Fischer (1987, p.20), “A arte é quase tão antiga quanto o homem.” Ela vem desde os tempos mais remotos carregando consigo a função de ajudar, por conta de uma necessidade, o homem a se expressar e a entender o mundo que o cerca, exemplificando assim o que dizia Buoro (2000, p. 25) “Entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece.”

Com o passar dos séculos, o homem foi perdendo a característica de usar a arte somente como meio de expressão e passou a considerá-la, logo após a revolução industrial, como algo automático de geração de capital. Já afirmava Adorno (1970, p. 266), “a situação da arte é hoje aporética”, ou seja, ela se encontra em um momento de inércia. Ao se encontrar nesse estado de parálisia, uma vez que, tento se soltado de suas funções culturais ou religiosas, e tento conquistado com muita dificuldade a sua “liberdade”, ela acabou novamente presa a um contexto específico do meio capitalista, se tornando monótona em uma sociedade de seres com pensamentos análogos.

A arte, em diversas ocasiões, acaba por representar uma sociedade e uma cultura, assim como destaca Fischer (1987), a arte nunca foi produção de origem individual, mas sim, coletiva, uma vez que surgiu de uma necessidade grupal. Assim revelamos sua importância na grade curricular de ensino, que é assegurada pela Lei de Diretrizes e Brasil da Educação nacional 9.394/1996 que reconhece a obrigatoriedade dela na Educação Básica. Isto já decorre do que afirmava Barbosa (2006):

Na construção da Arte utilizamos todos os processos mentais envolvidos na cognição. Existem pesquisas que apontam que a Arte

13 a 17 de Maio de 2019 - ISSN 2318-759X

desenvolve a capacidade cognitiva da criança e do adolescente de maneira que ele possa ser melhor aluno em outras disciplinas.

Sendo assim, iremos discutir os principais pontos que levam a acreditar que a arte possui um papel fundamental na construção dos pensamentos e ideias dos seres humanos e consequentemente o porquê da sua importância nas grades curriculares brasileiras.

A ARTE E SUA TRAGÉTÓRIA

De acordo com o que nos é apresentado ao longo do tempo, podemos considerar que a arte possui duas definições mais ordinárias, podemos considerá-la, por exemplo, com a sua função de construção de edifícios ou casas, pinturas ou esculturas, nesta definição, nenhum povo no mundo existe sem a arte. Porém, se considerarmos a arte como algo belo e extraordinário para ser usado em decorações ou mera contemplação, se torna algo mais atualizado, fazendo com que os velhos artistas nem se quer imaginariam tal significação.

A arte em sua origem com os povos primitivos foi desenhada para ser utilizada com propósitos, sejam eles por crenças ou para registrar os acontecimentos diários. Os artistas das antigas tribos, por mais alheio que pareça, já possuíam uma certa “técnica” comparada com o restante de seus companheiros, porém, não possuíam a autônoma de criar algo novo e distinto, uma vez que, todos de sua tribo sabiam os significados de cada desenho e imagem representada, já que cada obra de arte possuía uma intenção dentro de sua convivência, que podia ir desde a proteção contra divindades até a sua adoração, entretanto, vale destacar que as arte pré-históricas não possuíam regras exageradamente rigorosas para seu desempenho.

Avançando um pouco, encontramos as artes do Egito, que, comparada a anterior, era composta de leis que deviam ser duramente seguidas, dando origem a obras e pinturas um tanto quanto simétricas e detalhadas, que pareciam estar justamente onde deveriam, constituindo uma certa conformidade com o espaço. Nesse entorno, as pinturas e esculturas eram utilizadas para guardar a vida e essência dos faraós, uma vez que, acreditavam que após a morte ele voltaria, e

seria necessário ter sua riqueza guardada e vida detalhada a partir de imagens para que assim, seja contada sua história.

Partimos então para o século VII a.C. ao I d.C. na Grécia, tempo em que muitas mudanças ocorreram, não somente no âmbito das artes, mas também no político juntamente com a área da ciência. Ao início, as tribos que possuíam o domínio sobre a Grécia, não tinham uma arte detalhada, mas sim, uma arte primitiva e rude, especialmente nas esculturas, que ao longo do tempo foram se tornando ricas em regras a serem seguidas, as quais foram seguidas dos egípcios. Ao decorrer deste tempo, a democracia e a filosofia nasceram nas cidades, juntamente com uma revolução que começou a negar princípios e regras já estabelecidas de seus passados, fazendo com a arte fosse mudada, especialmente na maneira como eram produzidas as estatua. Estas obras, que anteriormente eram regadas de regras, passaram a se transformar, uma vez que os artistas começaram a buscar diferentes maneiras de produzi-las, porém, vale ressaltar que não foi somente um ou dois artistas que modificaram a forma com que eram feitas, mas sim, dezenas de artistas. Com o advento da ciência, o gosto pela representação do corpo surgiu, fazendo com que os escultores gregos passassem a representar os corpos desde seu ponto de vista, deixando as regras de lado, passaram a procurar como transformar o que já havia em algo mais real, sendo assim, um artista descobria como era melhor representar o torso, o outro, as pernas, para assim dar movimento a escultura, de tal modo que cada descoberta era passada para frente e adotada por outros escultores.

Ao terminar do século V, os artistas gregos ganharam uma gama de pessoas interessadas em seus trabalhos, e não somente pelo seu fim político/religioso. Diversas pessoas passaram a comparar as diferentes “escolas”, ou seja, seus métodos, estilos e tradições, que surgiram ao longo desse tempo. Por conta deste fato, havia diversos estilos misturados ao longo dos edifícios da cidade de Atenas, e cada vez mais os artistas buscavam se aperfeiçoar em seu trabalho. Por último, devemos destacar que com a chegada do império de Alexandre, esse estilo deixou de ser refém a uma pequena parcela de pessoas e atingiu, por conta disto, o mundo.

Quase no mesmo período da arte grega, se destacava a romana, a qual foi fortemente influenciada pela cultura e ideologias gregas. Sua arte se destacou na área da arquitetura, a qual sempre estava em harmonia com a natureza e atendendo as necessidades de seu povo, além disso, se fez presente em esculturas, nas quais, os artistas buscavam evidenciar o caráter, a honra e a glória da pessoa retratada, sendo o mais fiel possível com a realidade.

No ano de 311 d.C. o imperador Constantino estabeleceu a Igreja Cristã como um dos poderes do estado, fazendo com que ocorresse uma bifurcação na arte, tornando-a extremamente dirigida aos ideais religiosos, não possuindo outras funções relevantes além desta.

Olhando um pouco mais a frente, ao início do século XIV para ser mais específico, temos o ponto mais alto da arte gótica, a qual estava ligada diretamente com as arquiteturas e estatuas das igrejas, uma vez que foi uma arte voltada para a religião até o início do século XV, quando o crescimento econômico da burguesia fez que com ela pudesse ser apreciada também em outras construções ao longo das cidades, até que o estilo renascentista chegou para “tomar” seu lugar e se fazer evidente.

A palavra renascimento é derivada do termo renascer, o qual possui o significado de nascer novamente ou ressurgir, e que foi utilizada, uma vez que, no início do século XV ocorria um movimento importante de ordem artística, cultural e científica, o qual marcou a passagem da Idade Média para a Moderna.

A arte renascentista modificou vários padrões que anteriormente eram seguidos. Os artistas buscavam agora possuir uma maior proximidade entre o retrato e o que estava sendo retratado, sendo assim surgiram diversas características marcantes, como o contraste entre luz e sombras, maneiras distintas de se retratar o que estavam vendo, além do fato de que, a arte se desprendeu da sua característica religiosa. Os artistas desta época enfrentaram diversos problemas com relação a questão de ser tudo novo e diferente, uma vez que novos estilos foram inseridos. O renascimento tomou conta de quase tudo que existia na época, desde a literatura até as esculturas, indo do norte da Europa ao sul, marcando grandes mudanças para a época.

Porém, foi no final do século XIX até meados do século XX que aconteceu a maior revolução na arte, sendo conhecida no Brasil como a Semana da Arte Moderna, a qual cresceu diante de um período de grandes conquistas tecnológicas, como a Revolução Industrial, Primeira Guerra Mundial e o invento da fotografia e cinema. A arte desta época ficou conhecida pelos “ismos”, os quais buscavam principalmente romper com o academicismo em busca de liberdade de expressão, se aproximando a uma linguagem popular e coloquial com grande representação urbanista.

ARTE E INDÚSTRIA CULTURAL

A arte, desde a origem de sua palavra que deriva do latim *ars*, que corresponde ao termo grego *tékhne*, que significa “toda atividade humana submetida a regras em vista da fabricação de alguma coisa”, já demonstrava que possuía um caráter de reproduzibilidade manual ou técnico. Com o aperfeiçoamento da técnica, sua reprodução se intensificou, ainda mais após a revolução industrial.

No escrito *A Indústria Cultural*, com data de 1947, Adorno e Horkheimer inserem o termo indústria cultural como a ação da indústria em busca da comercialização da arte, ou seja, em busca do giro de capital a partir da arte. Além do mais, ressaltam também que a mecanização da arte, sua reprodução técnica, nas mãos da indústria a tornariam um instrumento de alto poder de alienação cultural e econômica.

Foi assim que surgiu o termo cultura em massa para se referir ao produto gerado pela indústria cultural, o qual tinha como finalidade padronizar e homogeneizar os produtos, para que assim, a maior quantidade de pessoas possa consumi-los. A lista de elementos da industrial cultural é gigante, variando desde músicas e filmes até a moda e gastronomia sendo divulgados pelos meios de comunicação em massa, que são os maiores aliados da indústria cultural.

Nessa perspectiva, a indústria cultural surge como um utensílio da alienação cultural e ideológica, buscando criar consumidores sem um senso crítico avançando,

os quais acabam por não se importarem com a qualidade das obras tecnicamente reproduzidas.

FORMAÇÃO HUMANA ATRAVEZ DA ARTE

A arte sempre possuiu um caráter de expressão das culturas das sociedades desde os primórdios. Com o passar dos anos, sua escolarização e o olhar mais profundos no que se refere as obras artísticas fez com que a arte se torna-se um elemento importante na manifestação de ideias e integração da cultura.

A disciplina de arte tem como principal função a integração do aluno não somente com sua cultura, mas também com as existentes em diversas partes do mundo, fazendo assim com que ele reconheça a diferença como algo enriquecedor e não como algo a temer.

No Brasil, em 1816, foi criada a Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, onde começou o ensino artístico. Como referência, o Brasil seguiu o modelo europeu, o qual buscava desenvolver as habilidades técnicas e gráficas essenciais para o processo de industrialização que estava ocorrendo.

Em 1971, a arte foi inclui no currículo escolar como uma atividade educativa e não como uma disciplina exatamente dita. Foi finalmente nos próximos anos que, após muitas reuniões em diversos estados do Brasil, além da formação em 1982 da Associação de Arte Educador, consolidando com a Federação de Arte Educadores do Brasil (FAEB) em 1987, que finalmente a lei 9.394/96 passa a considerar a “Arte como obrigatória na Educação básica, com o objetivo de formar e promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26 §2º), mostrando diversas metodologias para o ensino da arte, além de levar em consideração o poder do som, imagem, movimento e percepção estética.

Com a evolução de seu ensino, passou-se a se considerar a espontaneidade das crianças, além de sua maneira de interpretar o mundo e sua forma de se expressar. Assim, a instrução da arte oportunizou que seus estudantes desenvolvessem o imaginário, sua percepção de mundo real e o processo para a

criação de uma realidade desejada, desenvolvendo assim o raciocínio crítico do que o rodeia.

A arte envolve a percepção de sentido e emoções ao ser contemplada, a partir da relação do apreciar e representar, sendo caracterizada pela experiência, fazendo com que o indivíduo esteja sempre em reflexão sobre si mesmos, quem os cerca e as outras manifestações culturais do mundo.

Como o desenvolvimento do cognitivo está abundantemente presente no estudo da arte, levando a um constante acesso de informações vale lembrar o que destacava Fusari; Ferraz (1999, p.44) "De um modo geral, as crianças apropriam-se das imagens e, sons e gestos contidos nas mensagens vinculadas pela mídia, reelaborando-os e reutilizando-os na maioria das vezes de uma maneira pessoal".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como foco central discutir a importância do ensino da arte nas instituições como meio de criar um indivíduo com alto teor crítico, para assim, poder analisar as circunstâncias a sua volta e não se deixar ser controlado pela mídia em massa.

Através da apresentação da arte ao longo do tempo, deixasse claro que, por mais que os séculos passassem e novos métodos fossem descobertos e incluídos das representações artísticas, a arte sempre possuiu a função de ajudar nas necessidades diárias dos humanos, além, de em diversos casos, ser considerada como um meio de girar o capital, sendo mais reforçada a ideia com a Revolução Industrial.

Com isso, pode-se considerar que a Industrial Cultural nada mais é que, a consolidação dos ideais que já vinham sendo apresentadas ao longo do tempo pela arte.

Conclui-se, portanto, que a arte, ensinada como maneira de expressão, como nos primórdios, é o que pode ajudar na formação de um indivíduo não robotizado, o qual possui a capacidade de raciocínio avançada para saber avaliar as constantes informações que são apresentadas pelos meios de comunicação, tanto

visuais, quanto auditivos, e conseguir determinar o que é verídico e o que não, e assim, deixar de serem doutrinados.

REFERÊNCIAS

- FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.
- BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 4º edição. São Paulo: Cortez, 2000.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- BARBOSA, A.M, **Arte / Educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: cortez, 2005.
- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural o iluminismo como mistificação das massas**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. In: Teoria da Cultura de massa. Luiz Costa Lima (Org.). São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. **A cultura de massa e a indústria cultural**. In: Convite à filosofia. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica**. Parâmetros curriculares Nacionais-Arte. Brasília: MEC, 2001.